



A Santa Sé

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS LVIII DIA MUNDIAL DA PAZ

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica de São Pedro
Quarta-feira, 1º de janeiro de 2025

[Multimídia]

No início de um novo ano que o Senhor nos concede, é bom poder erguer o olhar do nosso coração para Maria. Na verdade, Ela, sendo Mãe, remete-nos para a relação com o Filho: leva-nos outra vez a Jesus, fala-nos de Jesus, conduz-nos a Jesus. Assim, a Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus faz-nos imergir de novo no Mistério do Natal: Deus fez-se um de nós no seio de Maria, e a nós, que abrimos a Porta Santa para iniciar o Jubileu, recorda-se-nos hoje que “Maria é a porta pela qual Cristo entrou neste mundo” (Santo Ambrósio, *Epístola 42*, 4: *PL*, VII).

O apóstolo Paulo resume este Mistério afirmando que «Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher» (*Gl 4*, 4). Estas palavras – “nascido de uma mulher” – ressoam agora no nosso coração e recordam-nos que Jesus, nosso Salvador, *se fez carne e se revela na fragilidade da carne*.

Nascido de uma mulher. Antes de mais, esta expressão leva-nos ao Natal: o Verbo *fez-se carne*. O apóstolo Paulo, ao especificar que nasceu de uma mulher, sente quase a necessidade de nos recordar que Deus se fez verdadeiramente homem através de um ventre humano. Hoje em dia, há uma tentação que fascina muitas pessoas e pode enganar também muitos cristãos: imaginar ou fabricar para nós um Deus “abstrato”, ligado a uma vaga ideia religiosa, a uma fugaz agradável emoção. Ao invés, é concreto, é humano: Ele nasceu de uma mulher, tem um rosto e um nome, e chama-nos a manter uma relação com Ele. Cristo Jesus, o nosso Salvador, nasceu de uma mulher; tem carne e sangue; veio do seio do Pai e, todavia, encarnou no ventre da Virgem Maria; pertence aos altos céus e, apesar disso, habita nas profundezas da terra; é o Filho de Deus e, no

entanto, fez-se Filho do homem. Ele, imagem de Deus Onnipotente, veio na fraqueza e, embora não tivesse mácula alguma, «Deus o fez pecado por nós» (2 Cor 5, 21). Nasceu de uma mulher e é *um de nós*. Por isso mesmo, Ele pode salvar-nos.

Nascido de uma mulher. Esta expressão fala-nos também da humanidade de Cristo, para nos dizer que Ele *se revela na fragilidade da carne*. Se Ele desceu no seio de uma mulher, nascendo como todas as criaturas, ei-lo que se mostra na fragilidade de uma criança. É por isso que os pastores, quando foram ver com os seus próprios olhos o que o Anjo lhes tinha anunciado, não encontram sinais extraordinários nem manifestações grandiosas, mas «encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura» (Lc 2, 16). Encontram um recém-nascido indefeso, frágil, necessitado dos cuidados da mãe, de agasalhos e leite, de carícias e amor. São Luís Maria Grignion de Montfort diz que a Sabedoria divina, «embora o pudesse fazer, não quis dar-se diretamente aos homens, mas preferiu dar-se por meio da Virgem Santíssima. Nem quis vir ao mundo na idade de um homem perfeito, independente dos outros, mas como uma pobre pequena criança, necessitada dos cuidados e do sustento da Mãe» (*Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, 139). E assim, em toda a vida de Jesus, podemos confirmar esta escolha de Deus, a escolha da pequenez e do escondimento. Ele nunca sucumbirá ao fascínio do poder divino para realizar grandes sinais e impor-se aos outros, como o demónio lhe tinha sugerido, mas revelará o amor de Deus na beleza da sua humanidade, habitando entre nós, partilhando a vida comum feita de trabalhos e sonhos, compadecendo-se dos sofrimentos do corpo e do espírito, abrindo os olhos aos cegos e revigorando os desanimados. Compadecendo-se! As três atitudes de Deus são misericórdia, proximidade e compaixão: Deus faz-se próximo, misericordioso e compassivo. Não o esqueçamos. Jesus mostra-nos Deus através da sua frágil humanidade, que cuida dos mais frágeis.

Irmãs e irmãos, é bonito pensar que Maria, a jovem de Nazaré, nos leva sempre para o Mistério do seu Filho, Jesus. Ela recorda-nos que Jesus vem na nossa carne e, por isso, o lugar privilegiado onde podemos encontrá-lo é, antes de mais, a nossa vida, a nossa frágil humanidade e a de quem passa por nós todos os dias. Invocando-a como Mãe de Deus, afirmamos que Cristo foi gerado pelo Pai, mas nasceu verdadeiramente do ventre de uma mulher. Afirmamos que Ele é o Senhor do tempo, mas com a sua presença amorosa habita este nosso tempo, mesmo este novo ano. Afirmamos que é o Salvador do mundo, mas podemos encontrá-Lo e devemos procurá-Lo no rosto de cada ser humano. E se Ele, que é o Filho, se fez pequeno para ser segurado nos braços de uma mãe, para ser cuidado e amamentado, então isso significa que ainda hoje Ele vem naqueles que precisam dos mesmos cuidados: em todos os irmãos e irmãs que encontramos e têm necessidade de atenção, escuta e ternura.

Confiemos a Maria, Mãe de Deus, este novo ano que começa, para que como Ela também nós aprendamos a encontrar a grandeza de Deus na pequenez da vida; para que aprendamos a cuidar de toda a criatura nascida de uma mulher, antes de mais protegendo o dom precioso da vida, como faz Maria: a vida no ventre materno, a vida das crianças, a vida de quem sofre, a vida

dos pobres, dos idosos, de quem se encontra só, dos moribundos. E hoje, Dia Mundial da Paz, todos somos chamados a acolher este convite que brota do coração materno de Maria: proteger a vida, cuidar das vidas feridas – e há tantas vidas feridas, tantas! –, restituir a dignidade à vida de cada ser “nascido de uma mulher” é a base fundamental para construir uma civilização de paz. Por isso, «faço apelo a um firme compromisso de promover o respeito pela dignidade da vida humana, desde a concepção até à morte natural, para que cada pessoa possa amar a sua vida e olhar para o futuro com esperança» (*Mensagem para o LVIII Dia Mundial da Paz*, 1 de janeiro de 2025).

Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, espera-nos precisamente ali no presépio. Tal como aos pastores, ela mostra-nos o Deus que nos surpreende sempre e que não vem no esplendor dos céus, mas na pequenez de uma manjedoura. Confiemos-lhe este novo ano jubilar, entreguemos-lhe as nossas questões, preocupações, sofrimentos, alegrias e tudo o que trazemos no coração. Ela é Mãe! Confiemos-lhe o mundo inteiro, para que a esperança renasça e a paz germine finalmente em todos os povos da terra.

A história conta que, em Éfeso, quando os bispos estavam a entrar na igreja, o povo fiel, com bastões nas mãos, gritava: “Mãe de Deus!”. Os bastões, certamente, eram o aviso do que aconteceria se não declarassem o dogma da “Mãe de Deus”. Hoje, nós não temos bastões, mas temos coração e voz de filhos. Por isso, todos juntos, com força e por três vezes, aclamemos a Santa Mãe de Deus. Todos juntos: “Santa Mãe de Deus! Santa Mãe de Deus! Santa Mãe de Deus!”.